



Por ordem de Kiev, últimos combatentes ucranianos entregam as armas e desocupam a siderúrgica de Azovstal, que passa ao controle das forças russas. Moscou intensifica ofensiva no Donbass, parcialmente dominado por separatistas pró-Putin desde 2014

Rendição em Mariupol

A Rússia proclamou, ontem, a “liberação total” da cidade estratégica de Mariupol, no sudeste da Ucrânia, após a rendição dos últimos combatentes entinchados havia quase três meses na siderúrgica Azovstal. Para Moscou, a ocupação é um passo-chave na meta de conquistar o leste do país, onde os bombardeios foram intensificados no Donbass e as tropas russas avançam com sucesso.

A ordem de desocupação da usina e entrega das armas aos russos partiu de Kiev. “O comando militar superior deu a ordem de salvar as vidas dos militares de nossa guarnição e de parar de defender a cidade”, declarou Denys Prokopenko, comandante do batalhão ucraniano Azov, em um vídeo publicado no Telegram.

O cerco russo ao à cidade portuária, no Mar de Azov, provocou diversas acusações de crimes de guerra, incluindo um ataque contra uma maternidade. Um outro vídeo, divulgado por Moscou, mostrou soldados saindo da fábrica, alguns deles de muletas, após semanas de cerco. “Espero que em breve as famílias e todos na Ucrânia possam enterrar seus combatentes com honras”, assinalou Prokopenko.

“Desde 16 de maio, 2.439 nazistas do (batalhão de) Azov e militares ucranianos bloqueados na siderúrgica se renderam. Hoje (ontem), 20 de maio, o último grupo de 531 combatentes se entregou”, anunciou o porta-voz do ministério da Defesa russo, Igor Konashenkov. “Os túneis do local, onde se escondiam dos combatentes, passaram ao controle completo das forças armadas russas”, acrescentou.

Segundo o porta-voz, o ministro da Defesa, Serguei Shoigu,

AFP



Grupo é revistado por militares pró-Rússia depois de deixar a usina sitiada: cerco à cidade portuária provocou denúncias de abusos

comunicou a “libertação total do complexo” imediatamente ao presidente russo, Vladimir Putin. Konashenkov informou que o comandante do batalhão Azov, uma milícia integrada ao exército ucraniano, foi retirado em um “veículo blindado especial” para evitar que fosse agredido por habitantes hostis.

A Ucrânia deseja organizar uma troca dos soldados de Azovstal por prisioneiros russos, mas as autoridades pró-Moscou da região de Donetsk afirmaram que alguns podem ser julgados. “Esperamos que (...) todos os prisioneiros de guerra sejam tratados de acordo com a Convenção de Genebra e o direito de guerra”, disse o porta-voz do

Departamento Defesa dos Estados Unidos, John Kirby.

Na Ucrânia, o primeiro militar russo julgado por crimes de guerra pediu “perdão” em um tribunal de Kiev, ao detalhar como matou um civil no início da invasão russa, há quase três meses. O veredito será anunciado na próxima segunda-feira. “Realmente sinto muito”, declarou Vadim Shishimarin, de 21 anos.

Estratégia

Nas últimas semanas, a Rússia concentrou a ofensiva no leste e sul da Ucrânia, destruindo vilarejos e cidades, depois que não conseguiu conquistar a capital, Kiev. Desde o início da guerra,

AFP



Militares ucranianos em tanque posicionado perto de Lysychansk



No Donbass, os ocupantes tentam aumentar a pressão. É um inferno, não é um exagero”

Volodymyr Zelensky,
presidente da Ucrânia

em 24 de fevereiro, a resistência ucraniana vem recebendo forte apoio financeiro e militar dos Estados Unidos e da União Europeia (UE). Só na última quinta-feira, o Congresso americano aprovou um pacote de ajuda avaliado em US\$ 40 bilhões.

A estratégia russa visa assumir o controle total do Donbass (leste), uma área de língua russa parcialmente controlada por separatistas pró-Kremlin desde 2014. “No Donbass, os ocupantes tentam aumentar a pressão”, afirmou o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, acrescentando: “É um inferno, não é um exagero”.

Ontem, 12 pessoas morreram e 40 ficaram feridas em um bombardeio na cidade de Severodonetsk, um dos últimos redutos controlados pelas forças de Kiev em Lugansk. O ministro russo da Defesa afirmou que Moscou está perto de controlar totalmente a região separatista.

As forças Putin estão cercando a cidade e a vizinha Lysychansk, separada de Severodonetsk por um rio que marca a frente de guerra. Ambas representam o último baluarte de resistência ucraniana na região. Lugansk e Donetsk foram reconhecidas unilateralmente por Moscou como independentes quatro dias antes da invasão à Ucrânia.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Retoques no mapa europeu

A poucos dias de completar o terceiro mês, a guerra na Ucrânia começa a deixar visíveis os contornos de um mapa ligeiramente alterado na Europa. Não apenas as fronteiras físicas, geográficas, mas igualmente os limites geopolíticos e militares assumem linhas novas. E, por trás delas, se desenha no continente um novo sistema de forças, cuja influência tende a se fazer sentir progressivamente nas diversas esferas da vida socioeconômica — com projeções de alcance global.

No terreno estritamente militar, e a despeito dos reveses e contramarchas, a Rússia parece próxima de consolidar um status que implicará redefinições na constituição da Ucrânia. Com ou sem o reconhecimento ou mesmo o conformismo dos vizinhos ocidentais e dos Estados Unidos, Vladimir Putin caminha para repetir,

nas regiões de Donetsk e Lugansk, os resultados da ofensiva sobre a Crimeia, em 2014.

Estica e puxa

A Ucrânia assumiu feições temporâneas de Estado nos anos 1920, no âmbito da hoje extinta União Soviética. Mas apenas após a 2ª Guerra, com a vitória do Exército Vermelho sobre a Alemanha nazista, se estendeu ao território reconhecido quando da dissolução da URSS, em 1991. A Crimeia foi parte da Rússia soviética até os anos 1950, quando Nikita Krushchev decidiu incorporá-la à “república irmã”.

A porção ocidental do país, berço do levante pró-europeu que depôs o governo pró-Moscou, em 2013 — e teve como desdobramento a rebelião separatista em Donetsk e Lugansk —, viveu longos períodos sob outras

identidades estatais. Foi parte da Polônia, de uma confederação polaco-lituana e de outras formações. Parte significativa de sua população recebeu de braços abertos as tropas de Hitler no início da invasão nazista à URSS, em 1941.

Ainda que a contragosto, como na anexação da Crimeia à Rússia de Putin, o Ocidente terá pela frente o desafio prático de conviver com a realidade de uma Ucrânia novamente partida.

Perde e ganha

À primeira vista, o Kremlin pode apresentar ao público interno um balanço “pragmático” de resultados do que decidiu chamar de “operação militar especial”. A alegada “desnazificação” do leste ucraniano e a “libertação” das regiões de maioria russa na população, aliadas ao controle rígido do fluxo de informações, tendem a

ser exploradas como troféu, a despeito das pesadas perdas militares sofridas — sem falar nas baixas civis e na destruição causada por três meses de bombardeios incessantes e combates.

É no cenário mais amplo, porém, que serão apresentadas as contas a pagar — e serão salgadas. Desde já, a Rússia sente o impacto imediato das seguidas baterias de sanções concatenadas entre EUA e União Europeia. A médio e longo prazo, a dinâmica de um confronto sem perspectiva de solução em tempo visível no horizonte aponta para a consolidação de um arranjo de blocos, com paralelos inevitáveis com o que prevaleceu em quatro décadas de Guerra Fria, na segunda metade do século 20.

Pela culatra

A manifestação mais imediata desse processo está justamente no

fator invocado por Putin para decidir pela invasão, em 24 de fevereiro: a expansão da Otan em direção às fronteiras russas. Como resultado da guerra na Ucrânia, a aliança militar ocidental recebe o pedido formal de adesão da Suécia e da Finlândia, dois vizinhos da Rússia até então aferrados à neutralidade.

Quando optou pela solução militar do impasse, o Kremlin buscava impedir que mais uma ex-república soviética se colocasse sob o guarda-chuva de Washington e dos aliados europeus ocidentais. Parece pouco provável que o governo de Kiev faça esse movimento, por ora. Mas sairá da guerra reforçado com material bélico e assessoria militar da Otan. E, ainda que não ingresse no bloco, será parte cada vez mais integrada da estratégia ocidental.

Fiel da balança

Outro efeito colateral da guerra se faz sentir em uma esquina crítica para o equilíbrio de forças em escala global. Um século depois da dissolução do

Império Otomano, que no apogeu chegou às portas de Viena e por alguns séculos dominou os Bálcãs, a Turquia busca se re-colocar no cenário geopolítico — como sempre, encarnando a imagem de ponte entre Oriente e Ocidente, simbolizada pela condição ímpar de Istambul.

Membro da Otan desde a formação da aliança, em 1949, o país se dispõe, inicialmente, a usar o poder de veto para barrar o ingresso de Finlândia e Suécia. Aponta ambas, em especial a última, como refúgio de “terroristas” — referência a separatistas da minoria étnica curda. Motivações domésticas à parte, o presidente Recep Tayyip Erdogan tem na mira justamente o reposicionamento estratégico.

Não por acaso, foi ele quem conseguiu reunir, como anfitrião, os chanceleres de Rússia e Ucrânia. Erdogan e Putin contracenaram, recentemente, na guerra civil da Síria: ora coincidindo nas posições, ora buscando espaços próprios, ambos asseguraram lugar à mesa no reordenamento, ainda que precário, do regime comandado por Bashar al-Assad.